

Promovendo a Inclusão Real de Pessoas Trans e Travestis nos Espaços Sociais, Educacionais e de Empregabilidade: Superando o Discurso.

Promoting Real Inclusion of Transgender and Travesti Individuals in Social, Educational, and Employment Spaces: Moving Beyond Discourse

Autora: Denyse de Almeida dos Santos¹

Resumo: Este estudo se concentra na promoção da inclusão efetiva de pessoas trans e travestis em diferentes esferas da sociedade, incluindo espaços sociais, educacionais e de empregabilidade. Ele aborda a necessidade de superar o discurso superficial e passar para a ação concreta, a fim de combater a discriminação e as desigualdades enfrentadas por esses grupos. O resumo expandido acadêmico examina as barreiras enfrentadas pelas pessoas trans e travestis, destacando estratégias e políticas que podem ser implementadas para garantir uma inclusão genuína e igualitária. Além disso, ele analisa o papel das instituições educacionais e empregadores na promoção de um ambiente mais inclusivo e diversificado, visando criar uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Palavras-chave: Inclusão. Pessoas Trans e Travestis.

Abstract: This study focuses on promoting the effective inclusion of transgender and travesti individuals in various spheres of society, including social, educational, and employment spaces. It addresses the need to move beyond superficial discourse and towards concrete action to combat discrimination and inequalities faced by these groups. The expanded academic summary examines the barriers encountered by transgender and travesti individuals, highlighting strategies and policies that can be implemented to ensure genuine and equal inclusion. Furthermore, it analyzes the role of educational institutions and employers in fostering a more inclusive and diverse environment, aiming to create a fairer and more equitable society for all.

Keywords: Inclusion. Trans and Travesti Individuals.

¹ Denyse de Almeida dos Santos é Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Especialista em Educação Inclusiva e Diversidade pela UNIFATEB, Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana-PPGE-UEFS. E-mail@email.com:mestradenyse2023@gmail.com

INTRODUÇÃO

A promoção da inclusão de pessoas trans e travestis em espaços sociais, educacionais e de empregabilidade é um desafio vital no cenário atual. Embora haja um discurso crescente em torno da diversidade e inclusão, a realidade enfrentada por esses grupos frequentemente não reflete as palavras de aceitação e igualdade. O título "Promovendo a Inclusão Real de Pessoas Trans e Travestis nos Espaços Sociais, Educacionais e de Empregabilidade: Superando o Discurso" destaca a necessidade de ir além das declarações superficiais e implementar ações efetivas para enfrentar a discriminação e as desigualdades enfrentadas por pessoas trans e travestis.

Neste contexto, é crucial entender as barreiras e desafios específicos que as pessoas trans e travestis enfrentam ao buscar oportunidades de inclusão em diferentes setores da sociedade. As questões de identidade de gênero, estigmatização e preconceito são muitas vezes obstáculos significativos que impedem o acesso igualitário a espaços sociais, educação e oportunidades de emprego.

Assim, de acordo com Moraes e Silva (2011), a busca por emprego formal é uma tarefa extremamente difícil para indivíduos transexuais no Brasil, devido ao sofrimento psicológico e ao assédio moral constante. A discriminação no local de trabalho leva muitos a buscar isolamento ou tratamento psicológico para enfrentar a não aceitação e o desprezo social.

Para superar essas barreiras, é necessário implementar políticas inclusivas e programas de conscientização que busquem a transformação de ambientes sociais e educacionais. As instituições de ensino e empregadores desempenham um papel crucial na promoção da igualdade de oportunidades e na criação de espaços onde todas as identidades de gênero são respeitadas e valorizadas.

Além disso, é fundamental reconhecer a importância de combater o preconceito e o desprezo contra as pessoas trans e travestis. A educação e a sensibilização são ferramentas poderosas para desafiar estereótipos prejudiciais e promover uma cultura de respeito e inclusão.

Desenvolvimento

Na condução deste resumo expandido, embarco em uma exploração das barreiras sistêmicas que permeiam a inclusão de pessoas trans e travestis. Compreendo que a amplitude desses desafios transcende as experiências individuais, adentrando as estruturas sociais e institucionais que moldam a vida de muitas/os/es de nós.

Diante de tantas histórias que compartilham as vivências de pessoas trans e travestis, que lança luz sobre a dura realidade da discriminação que ainda se faz persistente em nossa sociedade, onde oportunidades iguais muitas vezes permanecem inalcançáveis. Também serão apresentados desafios enfrentados ao buscar acesso a setores sociais, que frequentemente parecem inatingíveis para muitos de nós.

Neste resumo expandido, as narrativas pessoais servirão como veículos para transmitir a realidade das barreiras sistêmicas que persistem. Essas histórias, incluindo minha própria, visam destacar a urgência de reconhecer e enfrentar essas barreiras, bem como inspirar ações transformadoras em direção a uma sociedade verdadeiramente inclusiva e equitativa.

Enfrentando uma série de desafios complexos, a inclusão plena de pessoas trans e travestis na sociedade emerge como um obstáculo significativo, e a questão da empregabilidade se destaca como uma das maiores barreiras que enfrentamos.

Como indivíduo trans, experiencio pessoalmente a luta contínua em busca de oportunidades de trabalho que ofereçam igualdade de condições. Apesar de observarmos uma série de iniciativas afirmativas baseadas no discurso da inclusão nos dias de hoje, com órgãos governamentais e empresas privadas promovendo ativamente a empregabilidade da comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pessoas Não-Binárias), especialmente durante o mês do orgulho da comunidade, é inegável que ainda enfrentamos muitos desafios neste sentido.

Com aumento de pessoas em situação de vulnerabilidade social e de miseráveis, a crise econômica, a política e aumento do desemprego, acreditamos que se mantém atual a estimativa de que apenas 4% da população trans feminina se encontra em empregos formais, com possibilidade de promoção e progressão de carreira. Da mesma forma, vemos que apenas 6% estão em atividades informais e subempregos, mantendo-se aquele que é o dado mais preocupante: 90% da população de travestis e mulheres transexuais utilizam a prostituição como fonte primária de renda. No caso de homens trans e pessoas transmasculinas, temos uma dificuldade maior no levantamento de dados, devido à invisibilidade. (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2021, p. 44-45).

Diante desse contexto desafiador, minha própria jornada como indivíduo trans tornou-se um testemunho vivo das lutas que mencionadas no texto. Nasci e cresci em uma pequena cidade onde a diversidade de gênero era raramente compreendida ou aceita. Desde muito jovem, percebi que minha identidade de gênero não correspondia àquela que me fora atribuída ao nascer. No entanto, compartilhar essa verdade com o mundo e buscar oportunidades de trabalho significou enfrentar uma série de barreiras e discriminações.

Como pessoa trans, enfrentei desafios significativos em minha busca por oportunidades de emprego. Em uma sociedade que promove a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ durante o mês do orgulho e em outras iniciativas, ainda é difícil para muitos de nós encontrar empregos formais. A crise econômica, o desemprego e a discriminação persistem. Eu mesma enfrentei obstáculos e preconceitos durante minha busca de trabalho, mesmo tendo capacitação e formação superior.

Compreendendo a persistente desigualdade de oportunidades de emprego para a comunidade transgênero, este texto apresenta o relato de “Jana” como um exemplo real das barreiras enfrentadas.

“Se para uma mulher cis o mercado de trabalho ainda é um desafio, para nós mulheres trans e travestis ainda é uma luta as pessoas não querem nos contratar pois nos julgam, não nos considera como mulheres de “verdade”. Até mesmo quando a gente coloca um negócio próprio maioria das pessoas não nos apoiam, sei que muita coisa avançou nos últimos tempos, mas ainda vivemos pedindo o mínimo de inclusão, algo que é

essencial para nossa sobrevivência e dignidade como o emprego.” (Relato de JANA, mulher travesti de 23 anos de idade).

Nesse contexto, Irigaray (2010) ressalta em sua obra a questão da diversidade tão alardeada pelas empresas no país, frequentemente revelando-se como mera retórica, desvinculada da realidade dentro dessas organizações, um paralelo que pode ser traçado com muitas empresas que alegam adotar práticas ambientalmente sustentáveis. Os relatos de empregadores, por sua vez, expõem uma preocupante manifestação de desdém e preconceito em relação às pessoas transexuais e travestis.

Quando pessoas trans ou travestis buscam emprego, não estão apenas lutando por uma oportunidade de trabalho, mas também por reconhecimento social e dignidade. Muitas vezes, essa busca está enraizada na superação de perigosas zonas de exclusão e segregação social.

Diante dessas, é fundamental destacar a importância de reavaliar a educação e a escola como agentes de formação e integração social. É imperativo transcender o discurso superficial de inclusão e, em vez disso, promover práticas e metodologias pedagógicas que incorporem de maneira justa e abrangente as discussões sobre sexualidade e gênero, indo além das abordagens superficiais que muitas vezes são adotadas.

Para muitas pessoas trans e travestis, a escola, que deveria ser um ambiente inclusivo, muitas vezes se tornou excludente. Como resultado, ao longo das décadas, muitas delas têm sido expulsas desse espaço, deixando a prostituição como uma das poucas opções para sobreviver. De acordo com a ANTRA, 90% da população trans e travesti se envolve na prostituição, enquanto apenas 2% conseguem empregos formais.

Nesse sentido, a escola e a educação precisam adotar abordagens inovadoras para moldar o currículo. Isso implica reconhecer e respeitar as diversas experiências relacionadas a gênero e sexualidade. A escola deve ser um ambiente que celebra e acolhe as diferenças, seja ao promovê-las ou, pelo menos, ao reconhecê-las, como apontado por Almeida em seu trabalho (Almeida, Denyse dos Santos, p.66, 2022).

Conclusões

É crucial transformar nosso discurso inclusivo em prática real. A urgência disso se deve ao fato de que a exclusão empurra muitas pessoas trans e travestis para a prostituição como último recurso. Precisamos agir agora, implementando políticas e ações concretas que garantam a inclusão equitativa desses grupos na educação, no emprego e na sociedade em geral. Só assim construiremos um mundo verdadeiramente justo e igualitário, onde todos têm a oportunidade de prosperar, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Referências

MORAES e SILVA, S. V. **Transexualidade e Discriminação no Mercado de Trabalho**. In: **III Seminário, Gênero e Práticas Culturais**. 26, 27 e 28 de outubro de 2011, João Pessoa –PB. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/22199/transexualidade-e-discriminacao-no-mercado-de-trabalho>

IRIGARAY, H. A. R. **Identidades Sexuais Não Hegemônicas: A Inserção dos Travestis e Transexuais no Mundo do Trabalho sob a Ótica Queer**. In: ENEO, 2010, Florianópolis. ENEO 2010, 2010.

Benevides, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022** / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023. 109p. ISBN: 978-85-906774-8-2

Subjetivações e dissidências de gênero e sexualidades no Semiárido baiano/Organizado por Pedro Paulo Souza Rios. – Salvador:EDUNEB,2022. 178 p. ISBN 978-65-88211-42-7

WEBSITES

<https://antrabrasil.org/>